



Presença

Fundação Cuidar o Futuro

Fundação Cuidar o Futuro

Presença

FÉRIAS

1954 ★ N.º 5

J. U. C. F. — FILIADA NA «PAX ROMANA»

sumário

Situação

Carta da Suíça

Pedagogias e... Pedagogia

Crítica

Nossa Senhora do Fogo

Presença na Sociedade

Pausa

Virgem da Cenáculo

Compromisso

Responsabilidade

O que foi o Campo de Férias?

Noticiário

Lá fora é que sim

Fundação Cuidar o Futuro

Nota da Redacção

Este número da «Presença» vem orientado em moldes, até certo ponto, diferentes dos habituais. Com ele, houve a intenção de fazer chegar às jucistas que não estiveram no Campo de Férias — em especial por meio de artigos onde vem compendiada a matéria essencial dos temas de estudo que lá se discutiram — um eco, tanto quanto possível, fiel, do que foram aqueles dias passados em Abrantes, durante os quais a comunidade jucista soube afirmar-se «em grande», através de um trabalho que poderá ser fecundo, se for continuado por **cada uma de nós e vivido** em todas as actividades do ano que vai começar. Houve ainda o objectivo de não deixar apagar — antes tornar mais viva — a chama de **entusiasmo** que se acendeu no espírito daquelas que lá estiveram; e, em especial, a preocupação de não deixar afrouxar — antes fazer mais forte e vincar bem fundo **no espírito de todas**, mesmo daquelas que não participaram no Campo de Férias — a noção da **responsabilidade**, que se fundamentou ao longo daqueles dias e da qual havemos de ser chamadas a dar testemunho — não por um ano lectivo, mas **para a vida inteira**.

Fundação Cuidar o Futuro

«Senhor, dá-nos força para realizar aquilo que sonhaste para nós; dá-nos força para espalhar a beleza e a alegria num mundo sem Esperança; dá-nos força para que, pelo exemplo da nossa vida, todos os homens se tornem um em Ti... Finalmente, Senhor, dá-nos força para submeter a nossa própria força à Tua vontade.»

MEDICINA (Lisboa)

«Mais Fé, mais Verdade, mais Amor.»

FARMÁCIA (Coimbra)

Situação

Tarde, o homem se encontrou como problema. Olhou o mundo, esqueceu-se de si. Ou foi a interrogar o mundo que primeiro se procurou?

Como quer que seja, sempre o encontramos em íntima ligação com o mundo, sempre em diálogo, sempre situado.

É situado quer dizer, de certa maneira, confinado, limitado por um antes e um depois, um princípio e um fim.

Situado num horizonte temporal e espacial, inserido numa contínua corrente de fenómenos que o condicionam e limitam. Não se desliga desta série de circunstâncias e é por isso talvez que o podemos considerar fundamentalmente, como um «ser em situação». Decerto que esta é outra maneira de lhe chamar finito, e por isso poderá alguém dizer que não é o facto de lhe chamar «ser em situação» que particularmente o define. Muitos são os seres finitos, como ele situados. Ele não é até mais do que um momento dessa longa série. E assim é.

No entanto, pode continuar a dizer-se que ele é, mais do que qualquer outro, «ser em situação». E isto porque só ele tem consciência de todas as suas implicações. Só ele sabe que «é situado» e, na consciência desta condição, apreende todas as suas dimensões.

Sente-se solidário com a matéria, qual parte dela a afirmar-se no mundo. Sente-se inimigo da matéria, qual outro ser em constante evasão.

E esta antinomia é que mais o «situa». Pés na terra, olhos no céu, barro quebrado nas também «situa». Sabe que é ligação de dois mundos e essa é a sua verdadeira «situação».

Entre o que acaba e O que nunca acaba—ele que acaba e não acaba. Entre o que não conhece e O que tudo conhece — ele que só conhece que nem sempre conhece. Entre o mundo e Deus — ele que é do mundo e, pela Graça, «outro deus».

Esta a sua situação. Face às coisas para as libertar da sua mudez, da sua incapacidade de se saberem situadas. É palavra de S. Paulo: «a natureza geme» porque não pode louvar. Face às coisas, portanto, para as assumir e por elas cantar o Criador.

Mas face a Deus também, porque é sobretudo em relação a Ele que está situado. Foi Ele que o situou e essa situação exige amor.

É esta a razão de ser do homem. Nunca é demais recordá-la, não no campo da teoria mas no campo da realidade.

Quanto de nós acreditamos no Senhor? E no entanto, se consultarmos a inteligência, vemos, de pronto, que só a matéria não chega para nos explicar. Fica um grande lugar para o espírito e para o mistério.

E se consultarmos o coração em lealdade, como poderemos deixar de ouvir, suave e mansa, aquela palavra do Bom Pastor: «Vinde a Mim todos»?...

Maria Luísa Guerra

CARTA DA SUÍÇA

Rosemary Goldie é uma extraordinária figura feminina dos nossos dias. Natural da Austrália, onde tirou o curso de Letras, está há nove anos na Europa. Tendo trabalhado primeiro em Paris como bolseira na Sorbonne, depois em Friburgo, no Secretariado Geral da «Pax Romana» — M. I. E. C., onde desenvolveu uma acção fecundíssima durante cinco anos, está actualmente em Roma na Comissão Permanente para os Congressos Internacionais do Apostolado dos Leigos.

O seu interesse por todos os movimentos universitários católicos tinha-a levado a aceder ao nosso pedido de tomar parte no Campo de Férias da J. U. C. F. deste ano. Circunstâncias imprevistas, independentes da nossa vontade e da vontade da Rosemary, impediram-na de vir a Portugal. A pena que tivemos foi muito grande, mas a da Rosemary não foi menor, conforme ela disse à nossa Presidente na Assembleia Interfederal da Pax Romana na Suíça e como se depreende da carta que nos escreveu e que gostosamente publicamos.

Lausanne, le 19 juillet 1954.

Chères amies de la J. U. C. F. du Portugal:

Laissez-moi vous dire tout d'abord combien je regrette de ne pas être avec vous pour votre Semaine d'étude. Une fois déjà vous m'aviez invitée à venir au Portugal — pour votre Congrès national — et je n'ai pas pu accepter. Mais cette fois-ci, quand votre Présidente, Maria de Lourdes, m'a transmis le programme de votre Semaine, je pensais qu'en effet je pourrais venir chez vous et je me réjouissais de vous rencontrer toutes et de parler avec vous de votre travail au sein de Pax Romana. Et voilà que toute une série de circonstances est intervenue pour changer ces projets, et que je dois renoncer à vous rejoindre. Oh! je ne pense pas que vous y perdiez grand'chose pour votre travail, et je vois que vous avez un programme chargé de tant de problèmes difficiles et importants que nos entretiens auraient été nécessairement très limités; mais je ne voudrais pas être tout à fait absente de parmi vous, et c'est pour cela que je vous écris ces quelques lignes — elles vous viennent de Lausanne, où nous étudions ensemble, dans un petit groupe international, l'apport des FEMMES universitaires au travail de Pax Romana.

Vous avez donné comme titre à votre journée sur Pax Romana: L'ESPRIT DE L'ÉGLISE: L'UNIVERSALISME DANS LA CHARITÉ. Et vous avez bien raison d'y ajouter: LE RÔLE TOUT SPÉCIAL DES UNIVERSITAIRES DANS L'ÉLARGISSEMENT DE CET UNIVERSALISME. Oui, les universitaires ont un rôle tout spécial à y jouer, car il ne s'agit pas d'un «expansionisme» impérialiste, d'une conquête matérielle, mais d'une ouverture de l'intelligence et du coeur. Il s'agit aujourd'hui — non seulement pour nous, mais pour tous les hommes — d'ouvrir notre esprit aux dimensions de ce monde qui s'ouvre devant nous, qui s'unifie pour se mettre davantage à notre portée.

Il y a toute une éducation à faire, une éducation de l'humanité pour ces nouvelles conditions de son existence. Tant d'hommes de bonne volonté cherchent ce «supplément d'âme» dont le monde a besoin; ils y apportent des éléments par les études psychologiques, sociologiques; ils essaient de faire disparaître les «tensions», de faire circuler les informations, d'élever les niveaux de culture. Mais le secret ultime d'un universalisme vrai, c'est l'Église seule qui le détient, car Elle seule peut sur la terre unir tous les hommes dans la Charité.

Quelle responsabilité alors pour nous autres, universitaires catholiques! Sa Sainteté Pie XII, parlant en juillet 1952 à un groupe d'étudiants et dirigeants d'Action Catholique en Italie, soulignait le fait que les catholiques, plus que d'autres, sont équipés pour répandre entre tous les hommes un esprit de fraternité et de compréhension mutuelle. C'est si vrai. Mais cette possibilité correspond-elle toujours à une réalité? Ce qu'on nous demande, ce n'est pas seulement d'exprimer de beaux sentiments, mais concrètement de faire quelque chose pour rapprocher les hommes les uns des autres et pour aplanir le chemin qui doit les amener dans l'unité de l'Église.

Faire quelque chose — mais, faire quoi? La réponse n'est peut-être pas facile. Aujourd'hui il y a peu d'étudiantes qui n'aient aucune occasion de contact avec des personnes, surtout des universitaires, d'autres pays et d'autres cultures. Mais ces contacts peuvent être limités et ils peuvent rester très superficiels — on échange seulement quelques idées au cours d'un congrès international ou on visite rapidement un pays étranger en effleurant la surface de sa vie profonde. Ou bien, on travaille côte à côte avec des étrangers, mais on ne sait pas entendre le dialogue, nouer des liens réels.

Et pourtant, le monde attend de nous — il a le droit d'attendre de nous — des expressions vraies d'universalisme. Il attend tout d'abord que nous réalisions à l'échelle du monde moderne ce spectacle que donnaient les premiers chrétiens: «Voyez comment ils s'aiment!» Et cela nous l'attendons les uns des autres. C'est tout le sens de Pax Romana, de cette communauté d'universitaires dans l'Église qui n'est jamais pleinement réalisée, mais que nous devons construire toujours davantage.

Entre les mois de décembre et d'avril derniers, j'ai eu moi-même le privilège de faire — pour le travail d'apostolat des laïcs et au nom aussi de Pax Romana — un voyage qui fut au sens le plus strict un «tour du monde». J'ai passé — à quelle allure, vous le devinez! — d'Afrique orientale dans l'Inde, au Ceilan, en Australie et Nouvelle Zélande, en Indonésie, à Singapour, aux Philippines, à Hong Kong, à Formose (la Chine libre), au Japon; et puis, par les Etats-Unis, j'ai repris le chemin de Rome — les yeux éblouis de tant de spectacles nouveaux, le cœur débordant — accablé aussi — de tant d'impressions diverses. Au cours de ce voyage, j'ai rencontré — tout de suite sur un plan d'amitié, sur le plan de Pax Romana — des étudiants, et des étudiantes, de tous ces pays. Nous avons parlé de

leurs études, de leurs problèmes personnels, de leur apostolat dans l'Université, de ce qu'est pour eux l'idée de Pax Romana: une idée parfois vague, lointaine, un peu abstraite mais toujours aussi une espérance — l'esquisse de quelque chose qui doit devenir plus réel, plus immédiat; une promesse de soutien, d'amitié, d'unité qui doit se réaliser.

Qu'est-ce que vous pouvez faire pour ces universitaires, pour rendre plus réelle Pax Romana; et en dehors de Pax Romana — et par elle — pour rendre plus réel «l'universalisme dans la Charité»?

La réponse sera peut-être différente pour chacune d'entre vous, et elle sera différente pour chacune des Fédérations de Pax Romana. Car chacune nous devons vivre cet «universalisme» dans et par notre vocation particulière. La tâche de Pax Romana, c'est de faciliter pour les Fédérations la réalisation de cet universalisme — c'est tout le sens du programme d'«entraide» auquel vous êtes appelées à collaborer. La tâche de la Fédération, c'est de faciliter cette réalisation pour chacune de ses membres, de montrer toutes les possibilités de service que présente aujourd'hui la profession ou, tout simplement, la formation intellectuelle. Pour certaines, la profession pourra être même l'instrument d'une vocation vraiment «missionnaire» — on sait le domaine toujours plus grand ouvert actuellement au «taïcat missionnaire». D'autres pourront trouver dans l'étude approfondie d'autres cultures, et d'autres langues, non seulement un enrichissement personnel, mais aussi un moyen très efficace d'exercer une charité réelle envers d'autres peuples, et peut-être même un apostolat direct auprès des non-chrétiens. D'autres encore, par l'intermédiaire de Pax Romana, pourront rentrer en contact avec des universitaires d'autres pays pour l'étude et la solution des problèmes propres de leur profession. Toutes, dans l'esprit de Pax Romana: dans l'esprit de l'Eglise, pourront — et devront — s'unir par la prière à l'ensemble de la communauté universitaire catholique; et la charité, nourrie par la prière, sera créatrice, elle sera pleine d'initiative pour trouver d'autres réalisations dans le travail quotidien.

Oserais-je vous demander, comme une petite application pratique de ces quelques idées, d'avoir une prière spéciale pour les étudiants catholiques du Japon, à qui je viens d'écrire: au moment même où vous commencez votre Semaine, ils sont réunis pour leur Congrès national dans le diocèse de Sapporo dans le nord du Japon?

Avec mon amitié et ma prière fraternelles dans le Christ,

ROSEMARY GOLDIE

*Senhor! que a chama do Teu Amor divino seja um farol
a iluminar toda a nossa vida.»*

FARMÁCIA (Lisboa)

pedagogias e... PEDAGOGIA

A educação é simultaneamente uma ciência e uma arte.

Sendo uma arte, depende essencialmente da pessoa do educador, da sua intuição. Traduz-se num conjunto de processos individuais que são o segredo de cada um, que dependem do estado de espírito, das condições concretas de tempo e de lugar, do amor posto ao serviço da criança e capaz de apreender as profundas, reais mas difusas exigências da alma infantil.

Sendo uma ciência não pode divorciar-se duma técnica que a sirva capazmente, que se adapte constantemente às novas conquistas do saber, aos novos processos de experimentação.

Mas porque uma ciência e uma arte, a pedagogia não prossegue um fim desinteressado, meramente especulativo. Ela visa sempre o concreto, o objectivo, o plenamente humano. Por isso a pedagogia assenta numa determinada concepção do homem. Exprime «pela acção uma filosofia, quer dizer, uma concepção do universo e do homem, uma opinião sobre o seu destino, sobre o valor dos seus actos e sobre o seu fim, um ideal de vida e de humanismo que desejamos que a criança atinja pela educação». (M.me Secler-Rion)

Mas a Filosofia mergulha as suas raízes últimas na Teologia e é esta que, à luz da Revelação, explica o homem e fundamenta a vida. Por isso, a verdadeira pedagogia parte de Deus até ao homem. Envolvendo assim todas as dimensões da realidade — do natural ao sobrenatural — há-de comprometer todo o destino do homem — do homem no mundo, do homem na Eternidade.

A escola tradicional

Durante muito tempo a pedagogia encarou a criança como um adulto em miniatura. Nela se encontrariam todas as faculdades, reacções, instintos do adulto, mas em escala reduzida. (Freud não escapou a esta concepção quando, revelando as profundas raízes do complexo de Édipo na alma humana, transpôs para o mundo da criança os desvios sexuais dos adultos.)

Na aplicação de tal doutrina, toda a educação consiste em fornecer à criança, após uma elementar regra de três, a ciência, o juízo, a personalidade proporcionais à sua idade. Entre a criança e o adulto existe unicamente uma diferença de grau, de desenvolvimento ou maturidade.

Daqui decorrem os programas escolares que desde os primeiros tempos de estudo contêm todas as disciplinas em embrião e que as vão repetindo com alguns elementos novos à medida que a criança cresce. Assentam tais programas na ignorância do facto elementar de que os interesses são totalmente diferentes nas várias fases da infância e da ado-

lescência. E essa diferença não se manifesta unicamente no objecto do interesse mas na forma que o interesse reveste. Quer dizer que não só a criança em períodos diferentes se interessa ou pela História (que de certa maneira satisfaz o seu sentido mítico) ou pela Geografia ou pelos fenómenos da Natureza (isto numa fase mais adiantada em que a preocupam as relações causais) como esse interesse não é sempre predominantemente intelectual: antes se revela em alguns períodos da infância como fortemente lúdico. O conhecimento destes dados reais da personalidade infantil leva a uma escolha criteriosa e adequada de programas e de métodos de ensino.

Como corolário lógico, a escola tradicional considera o melhor programa aquele que é mais completo e o melhor aluno aquele que é capaz de reter todo o conteúdo. Toda a educação se reduz assim à instrução, apresentando-se à criança uma série de conceitos, vindos de fora, elaborados pelos adultos, e que a criança fixa sem assimilar, porque os não viveu.

É a euforia dos compêndios, das fórmulas convencionais, das ideias feitas, das respostas aos porquês constantes com um «porque sim» ou com «és ainda muito pequenino para perceber». Esquecem os que a ignorância acobarda e os que o comodismo embrutece que a criança exige sempre uma resposta ao seu porquê, que essa resposta tem de ser simples, clara, verdadeira. **Dar à criança a resposta que ela espera é um elemento de justiça.**

Ainda nesta linha de conduta encontramos a atitude do adulto que sujeita a criança a toda a sorte de preconceitos e de mesuras, misturando na sua realíssima incompetência pedagógica regras fundamentais de vida e momeis de prática, levando a criança a criar no subconsciente um verdadeiro desprezo ou uma funda repugnância por umas e outras.

Tal confusão de valores é responsável também por uma duplicidade no comportamento da criança e do adolescente. Sabendo que é igualmente repreendida por ter dito conscientemente uma mentira ou por ter partido involuntariamente um objecto qualquer, a criança perde a confiança nos pais e revela-se-lhes totalmente diferente do que é na realidade. É o começo da separação afectiva entre os membros da família, e tal método não deve ser dos menos responsáveis pela desagregação familiar dos nossos dias.

A escola tradicional, pela total indiferença pelas características essenciais da alma infantil, pela sobrecarga de programas e pela inadequação de métodos no ensino, pelo espírito de cátedra que exige, separando os pais e os professores da criança por um muro de convenções e de incompreensão, conduz em breve a criança ao desinteresse, à preguiça, e, muitas vezes, pela pressão familiar, ao utilitarismo burguês que não hesita perante a mentira e a fraude.

Diante da atitude dogmática que envolve a escola tradicional, fecha-se a alma infantil e fracassa a educação.

«Rouxinol sem asas não pode voar...».

A escola nova

À escola tradicional, opõe-se com foros de revolução a chamada escola nova.

Ela tem em conta, antes do mais, o indivíduo e a sua libertação. Trouxe consigo a imensa verdade de que a criança é totalmente diferente do adulto e que toda a educação deve ser orientada na busca dos profundos e reais interesses da criança.

Não há mais ensino colectivo «ex cathedra», nem programas fixos, nem horários rígidos, nem exames constantes. É um dos seus defensores (Ferrière) que lhes assinala o fim: «não é aquisição de conhecimentos inscritos num programa mas a conservação e o aumento das possibilidades do espírito da criança».

A escola nova considera a criança, não um adulto incompleto, em via de transformação, como o faz a escola tradicional, mas um ser «sui generis» em cada momento da sua vida. E é esta a grande mensagem da escola nova. A criança surge assim com toda a força duma personalidade própria, com a riqueza crescente duma vida constantemente renovada.

Segundo nota M.me Montessori (falaremos detalhadamente do seu imenso contributo à Pedagogia no próximo número da «Presença») «a criança faz as suas aquisições durante certos períodos sensíveis: tudo é fácil então; tudo é para ela entusiasmo e vida. Cada esforço é um crescer de possibilidades. Quando uma destas paixões psíquicas se apaga, outras chamadas se acendem e a infância passa assim, de conquista em conquista, numa vibração incessante. É numa destas belas chamadas espirituais, que ardem sem jamais se consumirem, que se totaliza o mundo espiritual do homem. Quando o período sensível desapareceu, as conquistas intelectuais são devidas a uma actividade reflexa, a um esforço da vontade. É nisso que consiste a diferença essencial entre a psicologia da criança e a do adulto».

Dezta concepção da psicologia infantil nasce uma atitude de respeito pela criança que a torna o fim último da educação, o centro à volta do qual gravitam métodos e programas. O papel do educador consiste aqui unicamente em velar pelo desabrochar do espírito infantil.

É nestas duas ideias aparentemente certas que estão envolvidos os princípios errados que prejudicam o inegável e valioso contributo que a Escola Nova trouxe à Pedagogia.

Com efeito, se a criança é o fim último da educação, ela não existe independente da Verdade e do Bem. A realização plena da criança há-de ser uma descoberta da Verdade e uma concretização do Bem. Isto significa que a verdadeira pedagogia, precisamente porque visa a criança, considerada como tal e não à imagem dos adultos, respeita a liberdade e os direitos essenciais da criança. Ora um dos direitos essenciais da criança é o de ser educada segundo a Verdade.

Acontece, porém, que a maioria dos defensores da Escola Nova, punhando embora pelo ideal generoso e nobre da liberdade da criança, faz assentar toda a sua pedagogia no princípio de que a natureza humana é boa e que, entregue a si mesma, às suas exigências, conduz necessariamente à plena realização do homem.

Os factos históricos, a introspecção, os dados mais recentes da psicologia (para não fazer referência à Revelação) mostram claramente que **embora a natureza humana seja, de si, boa, ela encontra-se diminuída, decaída pelo pecado.**

Isto significa que nem todas as exigências do homem são legítimas ou boas; se há nele uma desordem, accidental mas real, é natural que muitas das suas manifestações espontâneas venham informadas dessa desordem.

É este um dado fundamental para toda a pedagogia. Ignorá-lo é educar a criança no erro; é, afinal, desrespeitar o direito que a criança tem à Verdade.

É por isso que muitos dos que defendem a liberdade da criança como primeiro princípio em educação estão afinal a trair essa mesma liberdade. Pois a liberdade do homem não é mais do que a aceitação da vocação própria, ou a consolidação da personalidade, em função das condições concretas de tempo, de lugar, de corpo, de espírito. E uma condição concreta do espírito humano é a tendência para o mal.

A escola marxista

À margem de qualquer destes conceitos de pedagogia, há ainda a educação tipo marxista, formando a criança para a sociedade ou em ordem ao progresso industrial. Neste tipo de pedagogia a criança não tem só que estudar o mundo, o meio em que vive, mas toma parte também na sua transformação.

Embora conduzindo a criança para o progresso material e aniquilando praticamente o indivíduo sem qualquer respeito pela pessoa humana, «a escola marxista tem, sobre a escola tradicional e mesmo sobre a escola activa, uma incontestável superioridade **dinâmica.**» No dizer de Ch. Boyer, «na medida em que ela volta os olhos da criança para o futuro que ela ajudará a construir, ela é mais fortemente impulsionadora que a escola que só lhe transmite o passado. Propondo-lhe um ideal que alarga a sua ambição à conquista da humanidade, abre-lhe perspectivas muito mais largas do que uma escola que a fecha no seu eu».

Para uma autêntica Pedagogia

Se aprofundarmos princípios e métodos de todas estas pedagogias encontramos, se não uma inversão, pelo menos uma confusão de valores de gravíssimas consequências.

Enquanto a escola marxista afirma o materialismo como um princípio, as outras pedagogias, fechada uma num intelectualismo que se move no abstracto e que esquece a liberdade da pessoa humana, completamente presente na criança, fechada outra num naturalismo que admite tudo na criança desde que seja espontâneo e instintivo, conduzem a um materialismo de facto, só menos perigoso do que o primeiro por ser contrariado por forças sociais opostas.

Uma Pedagogia autêntica tem de decorrer do estudo e da interpenetração dos três elementos essenciais da educação:

- os direitos sagrados da Verdade;
- a personalidade única e inviolável da criança;
- a missão do educador.

Teremos compreendido o profundíssimo alcance e o imenso trabalho que se nos pede, como educadoras que somos por exigência intrínseca da nossa missão de mulheres, se considerarmos que «o fim próprio e imediato da educação cristã é cooperar com a graça divina na formação do verdadeiro e perfeito cristão, isto é, formar o mesmo Cristo nos regenerados pelo Baptismo». (Encíclica «Divini Illius Magistri»).

O próprio Cristo é o exemplo da mais salutar pedagogia:

- o direito sagrado da Verdade em todas as circunstâncias;
- o respeito pelo outro;
- a riqueza de ser que n'Ele se totaliza.

Saibamos colher no exemplo de Cristo, na doutrina da Igreja e nos dados reais dos diferentes tipos de educação, as bases indispensáveis ao estudo sério e profundo da autêntica Pedagogia, que faremos ao longo do próximo ano jucista.

Fundação Cuidar o Futuro

Maria de Lourdes Pintasilgo



«Que em cada minuto da nossa vida saibamos começar em grande.»

ECONÓMICAS (Lisboa)

CRISTO

*À minha cabeceira o Cristo morre
de puro dó. Silenciosamente,
da cabeça caída para a frente
um fio de sangue, ainda vivo, escorre.*

*Puseram-mO ali como um remorso.
Não quiseram matá-lo de uma vez,
p'ra mO pôrem ali como um remorso.
Tem os olhos abertos. Tristes..., tristes...
E a Sua boca quase que me fala,
como quem repreende meigamente.*

*Quando me vou deitar, já nem O olho.
Apago a minha vela bruscamente,
p'ra não ver os Seus olhos que me doem
como um remorso antigo.*

*Por que não ficou morto no Calvário,
apodrecendo aos astros indiferentes?
Por que veio acabar para o meu quarto,
com estes olhos suaves que me acusam,
com estes lábios tristes que me pedem
que O não deixe morrer tão sem razão?
Tem quase dois mil anos o meu quarto,
E em mais de mil das noites destes anos
eu apaguei a vela p'ra não ver
a agonia do Cristo, que me acusa.*

*Mas Ele rasga a escuridão da noite.
Mas Ele rasga o sono em que me oculto
e vem, solto da cruz a que O preendi,
continuar, no fundo da minh'alma,
Seu estertor.*

*Seus olhos brilham mais, na escuridão...
P'ra de todo morrer,
como que espera apenas o segundo
de eu Lhe pedir perdão.*

SEBASTIÃO DA GAMA

Nossa Senhora do Fogo



Bendito seja Deus pelo fogo que arde na fogueira!...

*...o fogo transfigura, o fogo purifica,
o fogo penetra e fortifica...*

*...e entre a chama,
o fogo crepita e exclama:
«Serei exemplo de pureza!»*

NOSSA SENHORA DO FOGO! — neste ano Vosso, «guardai a pureza da nossa juventude», fazei que o Espírito de Deus seja em nós um fogo ardente que purifique e renove os nossos olhos e os nossos passos...

Bendito seja Deus, pelo fogo que arde na fogueira!...

*...o fogo abrasa, o fogo brilha,
o fogo é facho, que irradia...*

*...e entre a chama,
o fogo crepita e exclama:
«Quero dar-vos Luz!»*

NOSSA SENHORA DO FOGO! — que o Espírito de Deus esteja em nós a iluminar a inteligência, a «banhar as nossas almas das verdades eternas», a irradiar Luz, a renovar a Universidade decaída...

Bendito seja Deus pelo fogo que arde na fogueira!...

*...o fogo aquece, o fogo consola,
o fogo propaga-se nas almas...*

*...e entre a chama,
o fogo crepita e exclama:
«Gasto-me a servir!»*

NOSSA SENHORA DO FOGO! — que o Espírito de Deus seja em nós um fogo a comunicar-se às almas, a tornar sagrado cada momento das nossas vidas e a fazer sentir a todos «o encanto da bondade cristã»...

Bendito seja Deus, pelo fogo que arde na fogueira!...

*...o fogo cresce, alastra e cada madeiro,
mesmo pequenino, deitado na fogueira,
cria novas, altas labaredas,
que querem chegar ao Céu e unir-se às estrelas...*

*...e entre a chama,
o fogo crepita e exclama:
«Quero fazer subir o mundo!»*

NOSSA SENHORA DO FOGO! — que o Espírito de Deus seja em nós um desejo de elevação, de dádiva e de amor, tão vasto como o mundo, e que as nossas vidas sejam uma oferta total, um contributo para «uma paz sincera e universal»...

Bendito seja Deus, pelo fogo que arde na fogueira!...

*...o fogo purifica, o fogo ilumina, o fogo abraça
o fogo irradia na escuridão da noite...*

*...e entre a chama,
a Voz de Deus exclama:
«Quero as vossas vidas!»*

...em resposta, alegres, diremos baixinho:

NOSSA SENHORA DO FOGO, medianeira, entregai-nos a Deus, no silêncio, ao redor da Fogueira, e assim unidas, numa só alma, acendei em nós fogos de Amor!

MARIA JOANA EMILIANO

N. da R. — «Nossa Senhora do Fogo» foi um tema de meditação do Fogo de Campo.

PRESENÇA NA SOCIEDADE

1 — *Influência das estruturas na personalidade*

Ninguém põe em dúvida que o homem é fortemente plasmável pela sociedade em que vive. A maior parte dos seus actos são irreflectidos. Devemos distinguir entre: actos que se situam na esfera mecânica e se automatizam por necessidade (como seria possível ao escritor registar e ordenar as ideias, se ao escrevê-las pensasse simultaneamente no feitura da letra, na melhor inclinação do papel, no formato mais conveniente da caneta, na direcção da luz, nas condições do ar, etc., etc.); e actos que correspondem à esfera intelectual. Nestes, o automatismo não traz vantagem, antes implica risco iminente de despersonalização. (Ninguém desconhece como é fácil manobrar a opinião pública...).

É evidente que nos interessa nomeadamente este último sector, pelas repercussões que tem na esfera moral. Localizemos algumas das causas a que pode atribuir-se a progressiva despersonalização:

a) O progresso técnico, permitindo maior rapidez na divulgação das ideias e a apresentação das mesmas por forma cada vez mais atraente;

b) As condições de divulgação das ideias, propícias ao enfraquecimento do sentido crítico (o público que assiste a uma sessão de cinema ou que lê um periódico, não tendo possibilidade de dar expressão às reacções instantâneas, abafa-as e vai enfraquecendo o senso crítico).

c) As novas condições económicas, sociais e políticas, convergindo no sentido de uma vida em comum mais intensa (1).

Citem-se ainda, para corroborar o que dissemos sobre a despersonalização, os resultados colhidos num inquérito do Prof. Godin:

— nos indivíduos considerados de «forte» personalidade, a influência do meio é de 60 a 80 %;

— nos indivíduos que constituem a «massa», a influência do meio vai de 90 a 99 %.

Tais resultados geram certo pânico e geram a natural ansiedade de conhecer as bases em que as sociedades se alicerçam, os princípios que as informam, os ideais que as animam.

Até ao século XIX, pode dizer-se que toda a estrutura social repousa sobre princípios herdados da Idade Média, não obstante algumas das instituições medievais já terem ruído (por exemplo, toda a orgânica corporativa). Acontece, porém, que os grandes inventos que caracterizaram aquele século vêm precipitar os acontecimentos e obrigam a definir situações.

(1) Pensando no programa da Acção Católica do próximo ano, não deixa de ser útil assinalar de passagem a repercussão que as novas condições têm na formação da criança, as consequências nefastas de uma educação em moldes tradicionais e a necessidade imperiosa de descobrir e divulgar novos métodos.

Os princípios até aí considerados imutáveis deixam de ser acreditados como tais.

As ideologias sucedem-se!

A par da riqueza e das possibilidades de bem-estar material cada vez maiores, cava-se o desabar da sociedade!

Abre-se uma idade-crise:

— crise de princípios — desorientação, erro, orgulho e desconfiança

— crise económica — falta de equilíbrio na produção, derrota das políticas de autarcia.

— crise social — má repartição dos rendimentos, luta de classes, condições deficientes de habitação e trabalho.

Bem pode dizer-se que «a sociedade perdeu a alma», e o homem, qual coisa pequenina, perdeu-se nela. Como uma das personagens de «A vigésima quinta hora», o homem sente-se simplesmente um número da complicada engrenagem social. E, no anonimato em que se esconde, esquece-se a si próprio, perde a visão de conjunto do Universo e da Vida, o sentido objectivo do Bem, a finalidade última da sua existência.

Ao homem-massa sem personalidade, sucede o homem sem finalidade e a este o homem-irresponsável.

Perante tal situação, compreende-se o que diz o Cardeal Suhard: «a maior falta dos cristãos do século XX, aquela que os seus descendentes não lhes perdoariam, seria deixar o mundo unificar-se sem Deus ou contra Ele (...). A Igreja está num ponto de viragem em que pode tudo perder ou tudo ganhar, conforme a espiritualidade que propuser à humanidade».

São sobretudo os universitários, os mais directamente responsáveis na construção do mundo novo. A eles incumbe redescobrir as novas estruturas — estruturas que, reconhecendo as variáveis da situação presente, se fixem nos princípios imutáveis da Ordem querida por Deus.

Dentro desta obra de conjunto, a mulher universitária terá de preencher os lugares que lhe são particularmente atribuídos, na certeza de que um trabalho fecundo de apostolado envolve não só as almas como as estruturas.

II — *Razão de ser de uma teologia cristã das sociedades*

Se por um lado se revela evidente a necessidade de que os católicos estejam presentes nas estruturas para as informarem pelos princípios da Revelação, por outro lado há quem refute tal presença. O Santo Padre Pio XII faz-se eco desse erro para o criticar: «A incredulidade cega e orgulhosa de si mesma faz excluir Cristo da vida moderna, especialmente da vida pública, e com a fé em Cristo abalou também a fé em Deus. Os valores morais por que noutros tempos se julgavam as acções privadas e públicas caíram em desuso; a laicização faz cada vez maiores progressos, subtraindo o homem, a família e o Estado à influência benéfica da lei de Deus e do ensino da Igreja».

A este erro têm os cristãos que fazer face, opondo uma resposta firme

de ordem doutrinal. Com efeito, existe uma visão cristã das sociedades que assenta na própria Revelação, e os cristãos de cultura superior não podem ignorá-la.

Por um lado, definindo-se na Revelação um tipo de comunidade espiritual entre os homens, sugere-se, também, um modelo ideal para toda a comunidade terrestre.

Por outro lado, a Redenção, criando um tipo de homem — o homem novo — exige uma sociedade transformada, em que se reconheça a realidade do homem redimido. Cristo remiu o homem todo. Como diz Gustavo Thil: «a Redenção do homem significa também redenção do corpo. Significa redenção da pessoa humana e, portanto, redenção do «membro» da sociedade civil, do «membro» da sociedade profissional».

Tal como o homem pelo pecado original introduziu a desordem na sociedade, o homem restaurado deverá reflectir a ordem nova na sociedade.

Outro fundamento da presença dos leigos nas estruturas reside na finalidade própria das sociedades, que se resume na glorificação a dar a Deus e no contributo a prestar à realização plena do homem. Ora não é gratuito afirmar que tal finalidade não é atingida; logo, o dever indeclinável de todo o homem, e particularmente do católico, de reconduzir os seres ao seu fim, impõe uma acção inteligente e eficaz sobre as sociedades.

III — *Acção dos leigos. Em particular, a acção da rapariga católica universitária*

A criação da Acção Católica obedeceu à ideia de que havia um tipo de apostolado próprio dos leigos, apostolado esse que poderia assumir dois aspectos: um testemunho pessoal e uma interferência directa na renovação da sociedade; e que estes dois aspectos não podiam separar-se, antes eram complementares. E desde aí ficou delineado o caminho do leigo católico.

Testemunho!

Por testemunho se entende uma vida cristã irrepreensível. É Cristo que com imperativo nos diz: «sede santos, como vosso Pai é santo», e isto depois de nos haver mostrado o caminho que conduz ao Pai. Os apóstolos continuaram vivendo e ensinando a doutrina do Mestre. E era o seu testemunho forte de vida cristã, transformação autêntica do homem velho no homem novo, que convertia os pagãos.

A sociedade paganizada daquele tempo já não era sensível à palavra dos profetas nem aos castigos do Céu; todavia, cede ao contacto de testemunho tão vivo («Vede como eles se amam» — exclamavam admirados).

Agora, a vinte séculos de distância, a nossa sociedade parece apresentar traços de semelhança com a Roma do tempo dos primeiros apóstolos:

- domina o lucro e o amor ao luxo;
- a ambição apoderou-se de homens e de governos;
- cada um procura esgotar, em sua satisfação pessoal, o minuto que passa, na incerteza do de amanhã.

Na vida dos povos, porém, os acontecimentos não se precipitam fatalmente. Há, sempre, a vontade do homem que pode deter o caminho para o «abismo».

Está nas nossas mãos o futuro do mundo de hoje. Contudo, também como na sociedade romana, já não é possível deter a nossa civilização com palavras apenas. Os povos estão cansados de ideias, nunca como agora a sucederem-se com tão vertiginosa rapidez. O mundo de hoje precisa de um testemunho «de facto». Está demasiadamente corrompido para ceder às ideias, por mais transparentes que sejam.

Entretanto, por um estranho paradoxo, os cristãos só a custo acodem a dar o testemunho que lhes pede a hora actual. O Santo Padre condena esta atitude: «certos homens, aparentemente fiéis em executar os seus deveres religiosos, levam, por um deplorável desdobramento de consciência, no domínio do trabalho, da indústria, da profissão, no seu comércio ou no seu emprego — uma vida demasiadamente pouco conforme às exigências da justiça e da caridade cristãs. Daí, o escândalo para os fracos e fácil pretexto aos incrédulos de lançar o descrédito sobre a Igreja».

O que se passa no mundo, em geral, passa-se, também, na Universidade. Daí, a exigência de uma J. U. C. F. vitalizada e dinâmica. Daí, a necessidade de cada jurista ser modelo de coerência entre o Ideal do Evangelho e a sua conduta diária.

Mas não basta ficar na enunciação teórica dos princípios; importa passar à sua realização e isso cabe a cada uma e fica constituindo imperativo de consciência. Há que fazer apelo a todos os meios de que dispomos:

— meios de ordem sobrenatural — Missa, sacramentos, inserção consciente no Corpo Místico;

— meios de ordem natural — desenvolvimento ou criação das qualidades necessárias ao apóstolo moderno (generosidade, disponibilidade, espírito de pobreza), aquisição e utilização dos conhecimentos que uma cultura superior proporciona.

Em particular, no próximo ano, em que o tema de estudo é a Infância, a formação intelectual da universitária católica terá de orientar-se nesse sentido. Possa tal orientação ajudar-nos a encontrar, no campo da cultura, a nota-feminina que distinguirá a rapariga universitária do rapaz universitário, e se há-de concretizar depois na restauração da Ordem na sociedade decaída. No domínio da cultura, como na acção, o testemunho da complementaridade com que Deus quis o par humano — homem-mulher.

Maria Manuela da Silva

PAUSA

Ai, quem soubesse
O mistério desta hora...
Primeira e última,
Solitária e virgem,
É agora também
Hora-mãe d'outras horas...
Ai, quem soubesse
Que neste preciso segundo
Foram como irmãs
A vida e a morte do mundo...
Ai, quem soubesse
Que nesta hora lisa,
Nua de estrelas
E vazia de lírios
Há já todas as estrelas
E todos os lírios...
Quem soubesse
E pudesse ver
Esta hora primeira,
Afinal, esta hora d'agora
A acontecer...
Cantaram as fontes
Cresceram os montes
Secaram as fontes
Morreram os montes...
Tudo foi agora
Nesta hora...

.....
E os ninhos,
E as flores,
E os peixes,
E o mar,
Os lilazes a abrir.
O que foi
E o que há-de vir.
Tudo nasceu
Nesta hora,
A primeira e a última,
A única do mundo...

E a minha morte também
já veio. E está para vir...

MARIA LUÍSA GUERRA



Fundação Cuidar o Futuro

Virgem do Cenáculo

...E depois que o Senhor se elevou ao Céu voltaram para Jerusalém...

E permaneciam esperando no Cenáculo. Todos eles perseveravam unânimes em oração, com Maria, Mãe de Jesus.

Ouve, Mãe — deixa-nos entrar agora na oração do teu silêncio!

Deixa-nos ouvir todas as palavras que permaneciam guardadas no teu coração.

Porque o Senhor dissera: «Eu mandarei sobre vós o Dom que vos prometeu meu Pai — para que sejais revestidos da virtude do alto».

E pensavas e pedias por cada um deles...

Todos sentiam que Tu estavas lá.

...E a virtude do Altíssimo desceu sobre eles.

Depois, Mãe, cheios do Espírito Santo levaram a palavra do Senhor por toda a terra...

Também nós viemos aqui preparar e pedir uma nova efusão do Espírito de Verdade e Amor, a fim de criarmos coração de Apóstolos dispostos a tudo fazer para dilatar o reino de Deus.

Que essa efusão nos complete e renove, e, à semelhança dos apóstolos, nos ajude a renovar o mundo que nos rodeia.

Mas, Mãe, esse mundo esqueceu a mensagem do Céu e nele já não há lugar para teu Filho!... Não há lugar para Ele... na família... na sociedade... na escola... no fundo das almas pecadoras...

Nesta noite, neste momento em que o fogo sobe para o Céu, afirmamos-te que queremos que sejam os nossos corações o lugar onde Ele viva.

Para que assim seja sempre, ajuda-nos a sair de nós mesmas...

...do nosso conforto...

...dos nossos hábitos...

...das nossas rotinas...

...do nosso egoísmo...

Faz-nos disponíveis!

Não nos deixes fechar em métodos já feitos, em caminhos já traçados...

Porque, para além do âmbito da família, do grupo, do Organismo, está sempre o campo do Senhor.

E no campo do Senhor há ainda tantas terras incultas que esperam pela Semente...

O trabalho é tão árduo!... E nós somos tão frágeis... Por isso, entregamo-lo nas tuas mãos. Porque tu és Mãe e compreendes todas as nossas fraquezas. Tu que não te limitas a escutar-nos, tu que adivinhas; tu que dispões as coisas, que vens ao encontro dos nossos desejos, que te ofereces antes mesmo que to peçam — ensina-nos as virtudes que fazem os cristãos completos:

A perseverança nos trabalhos humanos

A disponibilidade na renúncia e no sorriso

A compreensão dos outros

A humildade perante as fraquezas

A confiança na vida

...Finalmente, quando estivermos mais tristes, mais cansadas, deixa-nos continuar perdidas na oração do teu silêncio!...

UMA EQUIPA DAS TRÊS DIOCESES

Fundação Cuidar o Futuro

«Senhor, fazei que sejamos suficientemente irradiantes para que as almas venham a nós, e suficientemente apagadas, para que elas se não prendam a nós e nos ultrapassem.»

FARMÁCIA (Porto)

N. da R. — «Virgem do Cenáculo» foi também um tema de meditação do Fogo de Campo.

COMPROMISSO

Grande parte dos males que afligem a sociedade actual provém, em última análise, de um único mal mais forte e mais radicado: a fuga ao compromisso, defeito que caracteriza o homem dos nossos dias. Ao examinar os vários sectores da vida moderna, verifica-se o seguinte: em todos eles, o homem se evade às responsabilidades que, ao ser investido de determinadas funções, por mais insignificantes que elas sejam, contrai perante Deus e perante a sociedade.

Assim, à testa de certas nações, vemos constantemente sucederem-se homens ambiciosos que orientados apenas por uma cobiça condenável e por um desenfreado desejo de riqueza e poderio, atraíam o povo que esperava deles uma paz duradoura e uma melhoria de condições de vida, e atraíam Deus que lhes havia confiado a felicidade de alguns milhares de seres humanos.

Mas, se da questão política passarmos à questão social, o mal não se nos afigura menos grave. As constantes lutas ou simples querelas entre patrões e operários são um índice claro de que, se os primeiros muitas vezes se recusam a respeitar a dignidade humana dos que lhes estão subordinados, os segundos, por seu turno, não têm a preocupação de valorizar ou fazer render aquilo que lhes não pertence. Tanto da parte do patrão como da parte do operário não existe o desejo de respeitar o compromisso mútuo.

E, num plano mais restrito, que indica o número crescente de divórcios senão uma falsa compreensão da noção autêntica de compromisso?

Mas também as artes e as ciências se ressentem da falta de homens conscientes dos seus deveres para com Deus e para com a Sociedade. Aqueles que escrevem para se enriquecer e procuram, por isso, explorar os assuntos que mais atraem o grande público, atraíam a sua missão sobre a terra, do mesmo modo que a atraíam também aqueles cientistas que, ouvidos fechados à sua vocação, colocam interesses secundários acima daqueles que a ciência lhes proporciona.

Apontado o mal, resta encontrar-lhe o remédio. E este não é de difícil solução. Um estudo consciencioso do problema da vocação e um retorno às bases duma civilização cristã são as duas condições que se nos deparam como as únicas capazes de fazer nascer no homem o sentido autêntico de «compromisso». Estudo do problema da vocação, porque cada homem só pode cumprir totalmente, se está no lugar que Deus lhe destinou. Retorno a uma civilização verdadeiramente cristã, porque só esta pode criar no homem a consciência de que o serviço de Deus e a sua própria valorização aos olhos do Criador estão incontestavelmente acima de todos os interesses secundários, que, ou apenas proporcionam uma parcela de felicidade terrena, ou nem sequer esta chegam a atingir.

É à luz do cristianismo que o político compreende a monstruosidade da guerra ambiciosa, que os ricos e os pobres aprendem a estimar-se e a

ajudar-se mutuamente, que é rejeitada a solução fornecida pelo divórcio, que aqueles que receberam talentos para a arte e para a ciência os põem a render ao serviço de Deus.

Mas à quem compete este movimento de renovação da sociedade dos nossos dias? a quem compete dar a esta civilização que se diz cristã, a nota de Cristianismo que realmente lhe falta? Parece-me que a resposta não admite dúvidas. É essencialmente aos cristãos que esta missão é destinada. Diante dos leigos ergue-se essa missão em todas as suas perspectivas; são eles que podem penetrar profundamente em todos os sectores da vida moderna; são eles que podem modificar o meio a que a sua vocação os levou, em vez de, como tantas vezes sucede, se deixarem influenciar pelo próprio meio.

E não tenhamos dúvidas a este respeito. É tão falsa a atitude daqueles que pretendem que a virtude e o aperfeiçoamento pessoal bastam, lico tem de agir. Tem de ser um reformador activo da sociedade em que como a daqueles para quem o Catolicismo se reduz a uma série de actos exteriores sem que se traduzá numa vivência do dia a dia. O leigo catóvive. Se o simples facto de ser composto por corpo e alma lhe não dissesse que os problemas da ordem temporal o devem preocupar a par dos da ordem sobrenatural, dizia-lho o próprio exemplo de Cristo sobre a Terra e os conselhos que deu aos Seus Apóstolos:

«Vós sois o Sal da Terra» — o sal transforma o sabor dos alimentos; o apóstolo é aquele que transforma o meio em que se insere.

«Ide por todo o mundo» — o Apóstolo é convidado à acção, ao abandono do que é fácil, do que é comodismo.

Comecemos nós, Universitárias Católicas, por renovar a nossa vida universitária e criar, primeiro em nós, e depois nos outros, a consciência do compromisso que, ao seguir a nossa vocação, assumimos perante Deus e perante os homens.

Sejamos as primeiras a procurar realizar em nós esse tríplice fim da Universidade: informação, educação e formação. Informação consciente, que rejeita aquele estudo que apenas tem em vista os 10 valores e põe de parte os tão conhecidos processos ilegais como cábulas, cunhas, etc. Educação séria que pode provir de uma colaboração mais intensa com as Organizações Universitárias de Estudantes destinadas a completar o aspecto meramente informativo da Faculdade ou Escola. Formação profunda, em que a J. U. C. F. nos pode ajudar e orientar; formação que se não resume a uma vida de piedade mais ou menos intensa, mas que procura uma fundamentação conscienciosa da credibilidade, por meio de uma sólida cultura superior católica. Como o Santo Padre afirmou: «É necessário que, antes de tudo, não haja na vossa inteligência e na vossa alma desequilíbrio entre a cultura religiosa e a cultura universitária geral e especializada».

Maria Idalina Pereira

RESPONSABILIDADE

O mundo é dirigido por ideias. Este facto é uma constante histórica. E penso que podemos compreendê-lo mais profundamente a partir da realidade humana. Porque sempre o homem foi possuído pela ambição da Verdade. Sofreu, interrogou, interrogou-se. Mas os que sofrem mais do que interrogam, os que formam as grandes multidões, recebem avidamente as respostas daqueles que sentem como estando mais perto da Verdade.

Por isso o poder das ideias é o que mais escraviza e mais eleva, mais domina e mais liberta. Porque as ideias respondem ao mesmo tempo à necessidade humana de libertação e de verdade e à necessidade social de orientação e direcção.

Neste mundo assim compreendido, são os chefes quem dá ideias, respostas. A resposta que é esperada e recebida pela sociedade como Verdade.

E será sempre a Verdade?

Pela superioridade de formação compete ao intelectual a missão de chefe.

Por isso é traidor quando não procura toda a verdade nas ideias que estuda. Porque a Sociedade tem o direito de esperar e de exigir dele que oriente, que esteja à frente das grandes realizações, que forme continuadores, que seja uma garantia de Verdade.

Mas se todos os intelectuais têm esta missão e se nem todos disso têm consciência, há alguém que não pode alhear-se dela, sem ser incoerente — o intelectual católico.

Nós, universitários, chefes de amanhã, dizemo-nos intelectuais católicas. Pois bem. Como católicas dizemo-nos connosco a Verdade. Como intelectuais católicas, que fazemos à Verdade que está connosco? Que é feito da nossa responsabilidade de intelectuais — presença e conhecimento — de intelectuais católicas — ajustar, compreender, proclamar o sentido do temporal — esse sentido que só tem sentido à luz do eterno? Tudo isto é agravado ainda pelas circunstâncias da hora actual.

Transcrevo de um artigo da «Brotéria»:

«Lançando os olhos para o panorama intelectual do mundo contemporâneo, Bréhier deparou consigo a pensar que «nós estamos naquela perigosa situação em que a filosofia ameaça degenerar em não-filosofia». O caso é mais sério e mais grave do que muita gente pensa — continua o artigo. — A solução, já a indicámos — naturalmente, é o regresso à razão; sobrenaturalmente, o regresso a Cristo.

— «Naturalmente — o regresso à razão». O mundo de hoje não conhece nem respeita o homem. Porque o homem foi longe demais em nome da «deusa razão» e, quando sentiu que já não tinha apoio, desequilibrou-se e caiu. Caiu no desespero, foi de loucura em loucura e hoje até já nega a própria razão.

E o mundo vive agora as terríveis consequências de tudo isto. — O intelectual católico sabe o que é a realidade humana. Nele está a responsabilidade do regresso à razão. Regresso que só se efectuará, total e perfeitamente, quando, no domínio do sobrenatural, se regressar a Cristo.

Através deste regresso a Cristo, considero agora as qualidades que nos devem distinguir como chefes.

Fundamentalmente — a nossa vida interior será a medida das nossas realizações. Regresso a Cristo. Porque, qual é, tanta vez, a causa das nossas falhas? É que Aquele Cristo que nós damos não é o Autêntico, o Verdadeiro — Aquele que Se cansou por nós e expulsou do Templo os vendilhões — não — Aquele que damos somos nós próprias, nós, mascaradas de divino; mas os outros, que têm na alma a ânsia de Deus mesmo sem a compreenderem, bem sabem que não, que não é essa a resposta. Trata-se da verdade em nós, da caridade prática, da vida interior que é Cristo vivendó connosco. Cristo autêntico — Cristo dos Evangelhos — Cristo que temos de saber de cor — como dizia alguém.

Acerca do sentido maternal da nossa missão: não é sentimentalismo, protecção desequilibrada. É «firme suavidade» conseguida com a disciplina em si e nos outros, através de muita fortaleza e muito equilíbrio. Ouvi dizer uma vez: «devemos ser como uma barra de aço envolta em pano de veludo». Pois é essa fortaleza inquebrantável, de aço, mas que se há-de sentir como tal através de uma compreensão serena, calma e boa, de uma autêntica caridade prática.

Sentido maternal — generoso, sacrificado, intuitivo. Que dá primeiro e sem medida, mas que, bem esclarecido, sabe também exigir.

Numa Comunidade de Chefes — o chefe a óculo tem de afirmar-se como tal, haja o que houver. Intransigência nos princípios de Cristo, que ele tem o dever de demonstrar serem ou únicos que põem o homem no seu devido lugar.

Numa Comunidade de Chefes Católicos — sentido de rectidão e lealdade, que procura o Bem como único fim e não conhece medos, susceptibilidades, mesquinhices. Porque tanta vez não se diz o que se deve dizer, ou então diz-se sem o sentido inteiro do imenso respeito que se deve a toda a pessoa... Construir em Cristo, para Cristo, com Cristo.

— A nossa responsabilidade envolve formação superior cultural, apostólica, social. Atraçooamos a Verdade quando, por nossa culpa, não sabemos dizê-La toda, inteira, clara, a quem no-La pede, a quem a busca. Por outro lado, a vocação universitária exige uma santidade «universitária» — se assim posso dizer — através da formação superior e com ela. Quer dizer que o universitário católico deve ser 100 % universitário em todo o sentido da palavra.

E para andarmos certos da Verdade, temos de estar dentro do pensamento da Igreja — que tem sempre uma palavra a dizer a respeito de todos os problemas. Daqui o conhecimento das Encíclicas, e também dos discursos do Santo Padre.

O intelectual católico é ainda responsável como alma dos movimentos católicos. Quero referir-me aqui, particularmente a um facto — porque se perde a universitária ao sair da J. U. C. F.? Penso que a razão está em que nunca sentiu profundamente a sua responsabilidade. Porque viveu demais para o movimento como movimento, sem a visão clara daquilo que é afinal o fim do mesmo. E considero isto uma falha e um perigo. Lembro ainda a nossa responsabilidade no problema da Educação, onde a nossa presença de mulheres é indispensável. Nós, universitárias, e nós, mulheres, que juntamos, portanto, a missão de orientar que a sociedade espera e a missão maternal que o Senhor nos confiou.

Duas ideias queria referir ao terminar. Todas nos sentimos cheias de muitas responsabilidades, no final do Campo de Férias. Mas eu proponha que pensássemos agora na que é só de cada uma — que é feita de todas aquelas, mas que tem sempre mais um ponto, mais uma circunstância que é só nossa. E bem definida, bem esclarecida, gravemo-la, fundo, em nós.

E também queria acabar com uma palavra de alegria, este tema tão cheio de peso e gravidade.

A falta de alegria — ouvi dizer — é ofensa à presença de Cristo em nós — nós a quem o Senhor disse «a paz seja convosco».

A vida só é grande e bela quando se conhece, quando se lutou e se venceu. E a nossa responsabilidade, por muito grande e pesada que seja, nunca será maior que a própria Vida.

Maria Hermínia Mendes Paulo

Fundação Cuidar o Futuro

«Verdadeiramente justo é aquele que nunca esquece a relatividade da justiça dos homens, e tem sempre presente no seu espírito a infinita Misericórdia da Justiça de Deus.»

DIREITO (Lisboa)

«Senhor Jesus Cristo

Nós queremos mais do que brilhar como uma estrela nas alturas... Nós queremos queimar como uma tocha escondida, que pegue o fogo a tudo o que a toca.»

LETRAS (Lisboa)

O que foi

O CAMPO DE FÉRIAS?



Querida M.

Estou a pensar em ti que tanto gostarias de ter estado connosco em Abrantes...

Eu penso também em ti — sim, em ti que nem sequer te propuseste a hipótese de lá ter ido, e talvez nem saibas do que se trata...

Foi agora também o meu primeiro contacto com um Campo de Férias da JUCF. Por isso, queria dar-te o meu **testemunho**, mais um... Estavas mesmo disposta a considerá-lo como «mais um»? Então, peço-te eu, muda de tenção. Primeiro, porque estou a escrever para ti. E depois, porque a carta é **minha** — pessoal e sincera.

O meu testemunho, a razão do meu entusiasmo por aqueles doze dias. Mas não me posso ficar nas exclamações já tão nossas conhecidas: — «Foram dias em cheio! Foi formidável! Agora sim, que conheço a verdadeira amizade jucista! Aquilo é que é alegria sã!...» etc., etc. Olha, querida M., tudo isto é verdade. É verdade que nos sentimos amigas de **todas** e que sentimos todas nossas amigas; é verdade que nos sentimos mais novas, mais alegres e com mais desejos duma vida melhor e mais séria; é verdade que nos sentimos mais apóstolas e que compreendemos mais profundamente a nossa missão de universitárias, de raparigas e de católicas.

Não achas que só isto — que é tanto afinal — bastaria para justificar o meu entusiasmo? Mas eu vou contar-te o resto.

Ficámos num colégio, magnificamente situado, onde fomos tratadas como princesas. A paisagem dava uma extraordinária sensação de paz, serenidade, sossego... E também o ar, a luz e as sombras... Sabes o que é ter ambiente propício para poder sentir profundamente toda esta harmonia? Quase todas as reuniões foram feitas ao ar livre.

E também nos divertimos! Já te falaram do «serão» que organizámos no Teatro? Foi um sucesso. Os ensaios, nem fazes ideia de como foram engraçados. E, além disto, demos passeios, visitámos a cidade e cantámos. (Cantávamos imenso!...).

Tudo o que acabei de contar, foi ainda razão do meu entusiasmo. Mas falta o resto. E este «resto» é que me fez vibrar mais intensamente, cá dentro, bem cá dentro de mim mesma. Eu já «conhecia» a JUCF, e compreendia-a. Sentia o peso da nossa responsabilidade e estava consciente das suas exigências. Mas, coisa estranha, agora percebi que, afinal, eu não tinha atingido ainda o seu **pleno** significado. Porque só agora conheci a JUCF por dentro. Isto mesmo: a **JUCF por dentro**. (É formidável nós descobrirmos a **verdade** das coisas! Não basta compreender. É pre-

ciso atingir e realizar profundamente e em toda a extensão.) Bem, mas o que quero eu dizer com isto? Como cheguei a conhecer a JUCF por dentro? Olha, em primeiro lugar pela **convivência** com a Direcção Geral e a Direcção Diocesana.

É que nós, às vezes, quase julgamos que as «Presenças», as «Folhas de Militantes», os «temas de Estudo», etc., caem do céu. Como tudo nos aparece feito... Mas quem as pensa? quem escreve? quem tem o trabalho de mandar imprimir e fazer a distribuição pelas secções? etc., etc., etc.

Esta «convivência» dava muito que dizer, mas está a parecer-me que isto já vai longo demais, e eu ainda vou falar nas nossas **discussões**.

Era assim: de manhã havia uma reunião onde era exposto um problema de ordem geral. Depois, discutíamos em equipas um questionário. **Todas** puxávamos pela cabeça. Sentíamos, de facto, a necessidade de colaborar. Eu nunca a tinha sentido tão forte e imperiosamente. Estes questionários, baseados na exposição teórica da reunião da manhã, eram dirigidos ao **concreto**. Tinham sempre 2 aspectos: um de análise (da JUCF e das jucistas) e o outro de crítica (crítica que procurava ser **construtiva**: quais as falhas deste ano? sua razão? como evitá-las? que temos mais a fazer? e de que modo?).

Vou dar-te exemplos. Parece-me que só assim poderás ver exactamente o que lá fomos fazer. Quanto ao 1.º aspecto:

Qual o sentido da JUCF na Universidade?

Qual pode ser o papel da JUCF no problema da educação?

As universitárias têm a consciência de compromisso nos problemas de ordem temporal?

Analisa a espiritualidade das jucistas

O que deve distinguir a militante?

Quanto ao 2.º aspecto:

Quais as deficiências da JUCF na estruturação duma autêntica mentalidade universitária católica? Que fazer, para as suprir, no plano geral, diocesano e de secção?

Como orientar a vida jucista do próximo ano, de modo a podermos ajudar a resolver, **como universitárias**, o problema da educação?

Como pode a JUCF despertar as raparigas universitárias para o sentido do compromisso, através do programa da A. C. do próximo ano?

Traça o programa que a JUCF deverá seguir na formação das aspirantes.

Quais os meios a empregar pela JUCF para fazer fortificar a espiritualidade das jucistas?

Qual a maior falha das militantes e que fazer para a suprir?

Os questionários eram deste género, estás a ver? Mas olha, não te assustes com o tamanho, porque isto é um apanhado das perguntas dos dias todos.

Depois do lanche, juntávamo-nos outra vez, e cada equipa apresen-

tava as suas conclusões. A partir daqui, destas respostas, é que nós traçamos o programa de 54-55. E pensou-se em tudo: nas aspirantes, nas finalistas e licenciadas, nas campanhas, manhãs jucistas, retiros, cursos, passeios, Pax Romana, reuniões gerais, de militantes e de equipa, semana de renúncia, bênção das pastas, recepção de emblemas, etc.

Assentámos ideias sobre a **espiritualidade** da JUCF. Compreendemos finalmente também, o seu aspecto burocrático — **nunca** para ser posto em primeiro lugar, mas para ser sempre observado, em verdadeiro espírito de compromisso.

Olha: se nós tivéssemos a noção clara de compromisso e o verdadeiro sentido da responsabilidade, corresponderíamos com certeza a todas as exigências da JUCF, mesmo quando nos faltasse o entusiasmo sensível. Nós somos geralmente assim. Se nos entusiasmos com uma campanha, ou com uma reunião, ou até, vá lá, com um tema de estudo ou um caso de acção pessoal — aí vamos nós... temos tempo para estudar, para discutir, para conversar, etc. Se a coisa não nos agrada, então é porque não é interessante, e nós não podemos perder tempo porque temos «muito que fazer»; ou então é porque «não sabemos»; ou ainda, não podemos pagar porque não temos dinheiro para isso...

Desculpa, eu não estou a criticar-te em especial; estou também a falar contra mim, e um bocadinho talvez para todas. Mas eu gostava que tu chegasses à conclusão de que, onde falta o entusiasmo (falo do entusiasmo sensível, exterior, não te esqueças), deve haver e tem que haver, o sentido de compromisso e de responsabilidade. Ou então, se nós aderirmos à JUCF unicamente quando nos agrada e apetece, estamos a traí-la. Não te parece?

Já viste pela que torçaria (e de resto já o sabia pela...) «Presença» de férias, é verdade), que o nosso tema de estudo do próximo ano vai ser o problema da educação. Muito gostava eu de te contar o que lá pelo Campo de Férias se pensou e projectou a este respeito. Mas tenho que acabar, porque já daves estar cansada. Só uma pergunta: percebes, agora, por que razão eu disse que fiquei a conhecer «a JUCF por dentro»? Então, pronto! Era só isto que eu te queria contar, porque foi esta a **razão mais forte do meu entusiasmo**. É que para nós correspondermos **totalmente** às exigências da JUCF, precisamos de a conhecer completa e profundamente, em todos os seus porquês.

Recebe toda a amizade da

Teresa Guimarães

«Em Cristo, com Cristo e por Cristo, seremos na Universidade o facho ardente da Justiça e da Caridade.»

LETRAS (Coimbra)

NOTICIÁRIO

A J. U. C. F. no «Comité Directeur» de «Pax Romana» — M. J. E. C.

Convidada, por ocasião da Assembleia Interfederal de 1953, em Krabbesholm (Dinamarca), a apresentar-se, este ano, como candidata ao «Comité Directeur» de «Pax Romana» — M. J. E. C. — conforme oportunamente noticiámos — a nossa J. U. C. F. acaba de ser distinguida, durante a Assembleia Interfederal realizada em Flüeli (Suíça), no passado mês de Agosto, com a eleição da sua Presidente, Maria de Lourdes Pintasilgo, para esse cargo, tão cheio de responsabilidades e tão representativo dentro dos quadros da «Pax Romana», a cuja orientação e actividades fica, deste modo, presidindo, conjuntamente com representantes de Federações: da Índia, Polónia, Suíça, Canadá, Áustria, Paraguai e Holanda.

Além de passar a ser membro do «Comité Directeur», a J. U. C. F. foi também escolhida — com a J. U. C. e as Federações da Holanda, Inglaterra e Irlanda — para fazer parte da Comissão Europeia, que funciona como órgão coordenador das actividades das Federações da Europa, filiadas na «Pax Romana».

XXIII Congresso Mundial de «Pax Romana»

Realizar-se-á em Inglaterra, de 15 a 25 de Agosto de 1955, o XXIII Congresso Mundial de «Pax Romana» — M. J. E. C. — acerca do qual oportunamente serão dados pormenores. Entretanto, faz-se saber desde já que o tema geral escolhido para o Congresso foi «O jovem diplomado», e que os trabalhos respectivos decorrerão em Londres e na Universidade de Nottingham.

Noticias de todo o mundo

* Tem-se intensificado muito, ultimamente, o trabalho de «Pax Romana» na África e na Ásia, através das suas Federações estabelecidas naqueles dois continentes.

No que se refere à África, tornam-se cada vez mais frequentes os encontros de membros do Secretariado geral e do «Comité Directeur» do MIEC com estudantes africanos; e, para uma melhor efectivação desses contactos e coordenação de actividades, saiu recentemente o primeiro número de um boletim de informação acerca das actividades dos estudantes em África — «African Newsletter of Pax Romana — I M C S» — que aparecerá periodicamente, sob a orientação do Secretariado Geral de Friburgo.

Também em África, teve lugar, com resultados prometedores, um En-

contro de Dirigentes, promovido pela Comissão Permanente dos Congressos do Apostolado dos Leigos e superiormente orientado por Rosemary Goldie, membro daquela Comissão.

Quanto à **Ásia**, todos os esforços se concentram agora, em especial, na preparação do Seminário Asiático, que em Dezembro se realizará em Madrasta (no Colégio Universitário de Loyola), na Índia. Entretanto, as Federações asiáticas estão a trabalhar de modo intensivo, nomeadamente as de Ceilão, Malásia e Índia; esta última promoveu, em Maio passado, a realização de um Encontro regional em Ernakulam, subordinado ao tema geral: «A significação do Ano Mariano, do ponto de vista espiritual e prático».

* Também na **América** se desenvolve, cada vez mais, a actividade de «Pax Romana». Cinco Federações da América do Norte tomaram parte num Encontro, em Buffalo, promovido pela «Comissão Norte-americana» (que acaba de organizar-se, com sede em Ottawa, e reúne as Federações dos Estados Unidos e do Canadá, filiadas no M I E C). Nesse Encontro, ocuparam-se, especialmente, da acção dos Subsecretariados, do trabalho desenvolvido na Ásia e da preparação da Assembleia Interfederal de Flüeli.

Entretanto, também na América Latina se multiplicam os Encontros regionais, que têm agrupado por zonas, no estudo de problemas de interesse comum, quase todas as Federações sul-americanas.

* Durante o verão que decorre realiza-se em Vadstena, na **Suécia**, mais um Congresso inter-escandinavo, que habitualmente reúne, de dois em dois anos, os estudantes das Federações dos países da Escandinávia, filiadas na «Pax Romana». Este ano, o tema versado é: «A contribuição católica no meio profissional escandinavo».

Notícias dos Subsecretariados

...de Formação e Acção Sociais:

Em Agosto último, promoveu este Subsecretariado, na **Alemanha** — por ocasião do Congresso da K. D. S. E. — uma reunião de estudo, versando o tema geral: «A democracia contemporânea».

...de Medicina

O Subsecretariado de Medicina tem em vista a organização de um Encontro Internacional, em Inglaterra, por ocasião do próximo Congresso Mundial da «Pax Romana».



lá fora é que sim

*Lá fora é que sim
me apetece estar.
Não ao pé do altar,
Virgem de Belém.*

*E se eu for lá p'ra fora?
Amava-te igualmente...
Só o modo era outro
de rezar e ser crente.*

*Lá fora também andas...
Sem manto, sem coroa,
simples, Nossa Senhora!
Que mais linda és lá fora!...*

*Vais à fonte (e eu a ver-te
entre as mais raparigas
— virgens sem filhos, essas)
encher a tua bilha.*

*Vais lavar o Menino...
Mas a água é tão fria!...
Queres que te acenda o lume,
Virgem Maria?*

SEBASTIÃO DA GAMA

Fundação Cuidar o Futuro

PRESENÇA

EDIÇÃO DA DIRECÇÃO GERAL DA J. U. C. F.
Avenida Duque de Loulé, 90, r/c-D. — Lisboa

Fundação Cuidar o Futuro

Com aprovação científica